

CARTAS
&
PROFISSÃO DE FÉ
DE N. P. S. BRUNO



CARTAS DE SÃO BRUNO

Extraídas do livro:

A Cartuxa – A união com Deus pelo silêncio da solidão

Cartuxa de Sta. Maria Scala Coeli. Évora-Portugal

COMENTÁRIOS

Uma Irmã da Cartuxa de Sta. Maria de Benifaçar.

Estas duas cartas são as únicas que conservamos e datam dos últimos anos de Bruno quando desfrutava da solidão em Calábria.

A carta a Raul está datada entre 1096 e 1101 – sempre com certa aproximação – e a carta a Chartreuse entre 1099 e 1100

Em ambas podemos observar que se expressa livremente, com toda nitidez. Com Raul usará um estilo mais literário, mais polido, um tanto convencional e erudito; com seus irmãos de Chartreuse falará com toda singeleza, numa linguagem cordial e direta. Mas as duas são de uma sinceridade e uma abertura de alma comovedoras. Descubram-nos numa luz discreta, tamisada, mas maravilhosa, a alma profunda de Bruno ao final de sua vida, e quase ao termo de sua experiência da vida puramente contemplativa.

Como já mencionamos anteriormente, Raul era um dos dois amigos com quem Bruno, no jardim de Adam, tinha feito voto de abandonar o mundo e abraçar a vida monástica.

Os anos tinham passado. Bruno tinha cumprido seu voto, e Raul tinha voltado a Remos e vivia ali. A amizade entre Bruno e Raul não se esfriou. Segundo nos diz o

mesmo Bruno, Raul lhe tinha escrito cartas encantadoras dando-lhe delicadas mostras de amizade.

Sua amizade está enraizada em Deus. Por isso se inquieta pelo futuro espiritual de seu amigo. Raul tinha feito anos atrás um voto preciso, formal, e não o tinha cumprido. Não estava em regra com Deus. Neste suposto, Bruno expõe a Raul a gravidade de sua situação, com energia e às vezes quiçá com rudeza, mas sempre com muito tato.

É de notar, que a trama desta carta a constitui o amor de Deus. Só o amor de Deus explica e justifica, por assim dizer, a vida contemplativa. Mas não um amor de Deus vivido de modo vulgar, senão um amor de Deus fervoroso, abrasador. Um amor excepcional como o que em outro tempo infundiu o Espírito Santo no coração dos três amigos reunidos no jardim de Adam.

Ao conjurar a seu amigo, tem o convencimento de não ser mais que o intérprete do Espírito Santo que fala a Raul em seu interior. Aqui se funda a essência, a atitude fundamental desta vocação contemplativa. O contemplativo, segundo São Bruno, é aquele que vive a visão cara a cara da eternidade, ao menos como prelúdio e esperança. Espera e posse atual, desejo e gozo, luta e recompensa, deserto e ao mesmo tempo jardim, tal é a vocação puramente contemplativa segundo ele.

Chegamos a uma ideia fundamental para Bruno: a da "quietude", de repouso ou sossego. Ideia central na concepção cartusiana da vida contemplativa. Este repouso é-lhe fruto da fé, a esperança e o amor, incluindo uma boa dose de prudência, equilíbrio, bondade, paciência, virgindade espiritual. "Quietude" será o epíteto privilegiado

para qualificar "o porto da vida monástica", tanto na carta a Raul, como na escrita à comunidade de Chartreuse.

Este repouso não é conforto, segurança, imobilidade, passividade. É um repouso ativo, dinâmico, antecipação do repouso divino que a contemplação de Deus dará à alma na eternidade.

É indubitável que, em sua carta a Raul, Bruno conseguiu animar tudo o que diz com o fervor de seu amor a Deus, de sua alegria espiritual e de sua amizade a Raul. Todo seu coração se insere em suas palavras; quanto diz, pensa-o, sente-o e o vive.

Nesta carta a Raul, se destaca um fato central: a exortação a seguir a vocação monástica, com os motivos então alegados, as dificuldades possíveis e os sentimentos que surgiam aos que tratavam de retirar-se ao deserto.

Bruno, desejoso de comover o coração de seu velho amigo, deixa a palavra a seu próprio coração. A carta está escrita sob a perspectiva de uma sutil alternância entre a evocação das inexoráveis exigências da justiça do Todo-poderoso, e a descrição de quanto de sedutor encerra uma vida por inteiro consagrada a Deus.

Quando toca este segundo tema, é evidente que não faz retórica. Em termos mal velados, diz que ele viveu o que continua vivendo no momento preciso em que escreve.

Depois de uma leitura atenciosa da carta a Raul, como a seus irmãos de Chartreuse, a primeira impressão que se tem é de achar-se ante uma alma ardente, transbordando sensibilidade espiritual.

A carta a Raul, em seu conjunto, apresenta Bruno animado de um carinho inesgotável para o amigo dos velhos tempos, apesar dos anos e da distância. Mas quando

começa a falar das coisas de Deus, não lhe é possível conter sua emoção.

No entanto, não é um sentimental que se deixa levar por impressões superficiais. Bruno é um homem prático. Para ele a vida contemplativa não consiste em fomentar intermináveis ideias sublimes; trata-se de tomar os meios eficazes para chegar até Deus. É muito consciente que sua solidão é o lugar onde "se vive um lazer ativo, repousa-se numa sossegada atividade". A carta a Raul está por inteiro construída de acordo com esse esquema de seu pensamento.

Bruno ficou definitivamente seduzido pela Beleza, pela Bondade incriada, que encontra a plenitude da paz, e não pode compreender a situação de desgarramento interior de seu amigo.

* * * * *

Por uma sorte felicíssima, chegou-nos até nós outra carta de São Bruno, dirigida à comunidade de Chartreuse. Carta preciosa em si mesma e muito conforme com a escrita a Raul.

Por acréscimo, as circunstâncias em que foi escrita e transmitida lhe dão uma comovedora significação. Não é sem razão que os primeiros cartuxos a considerassem como o último testamento de Bruno a seus filhos de Chartreuse e, ao mesmo tempo, como o supremo depoimento, selado pela morte de Landuino, da vinculação da Grande Cartuxa a Bruno.

Landuino partiu levando consigo uma carta de Bruno para a comunidade de Chartreuse. Mas aconteceu que, ao viajar para o norte da Itália, Landuino caiu em mãos dos seguidores do antipapa. Foi ameaçado, tiveram-lhe vários meses prisioneiro... Quando foi posto em liberdade, estava tão debilitado que não pôde seguir seu caminho. Refugiou-se no mosteiro próximo de Santo Andrés onde morreu a 14 de setembro de 1100, sete dias depois de sua libertação.

Apesar de tudo, a carta de Bruno a seus filhos de Chartreuse chegou a seu destino, já porque um dos colegas de viagem de Landuino escapasse dos apoiadores do antipapa Guiberto, já porque Landuino a confiasse a algum mensageiro antes de morrer.

Podemos imaginar com que veneração receberam os ermitões de Chartreuse esta mensagem, tão preciosa para eles por duplo motivo.

Nesta carta à comunidade de Chartreuse, mais breve, mais familiar e menos cuidada do que a escrita a Raul, os temas se reduzem com frequência a pequenas indicações, pelo que devemos estar mais atentos para captá-las. É essencialmente uma carta de alegria, de louvor ao Senhor, de ação de graças.

Bastaria a breve carta a seus irmãos de Chartreuse, para transmitir-nos todo o ensino explícito que devemos receber dele.

Esta carta faz campear ante nossos olhos a figura de um monge de rasgos vigorosos e de coração imenso. Apaixonado perdidamente de Deus e de seus irmãos, chega até a esquecer-se de si mesmo. Seu amor a Deus lhe remete a seus irmãos; o carinho para seus irmãos lhe faz descobrir

neles um novo rosto do Senhor.

Sua vida contemplativa não fica encoberta pela presença viva e atenciosa de seus irmãos, em seu coração. Não se contenta em dizer que lhe basta amar a Deus e que nele ama a todos. Seus irmãos são seres concretos que ocupam um lugar em seu interior, sem turvar seu atendimento ao Altíssimo. Ao invés, eles lhe revelam o amor imenso que Deus tem ao solitário. Sua vida contemplativa se acha fundada sobre a harmonia, interior e exterior, entre solidão e vida fraterna.

Uma segunda parte da mesma carta, põe de manifesto uma convicção firmemente ancorada no coração de Bruno: a vida que plantou no íntimo de seus irmãos associa de maneira radical o dom puramente gratuito que Deus lhes concede de uma vida que destaca por sua paz, silêncio e obediência, com uma observância forçosamente austera, firme, perseverante e estável frente a todas as seduções do exterior.

Bruno não pede nada mais a seus discípulos. O resto é questão de vocação pessoal, que deverá desenvolver-se dentro do sólido e amplo marco por ele esboçado.

Penetrar na ditosa solidão de que fala Bruno equivale a uma conversão do coração que recebemos gratuitamente de Deus, e que nos estabelece na paz de seu amor.



TEXTOS

A Raul, le Verd

Ao venerável senhor Raul, prepósito do Cabido de Reims, digno do mais sincero afeto. Bruno saúda.

1. A fidelidade que em ti se vê a uma velha e provada amizade é tanto mais admirável e digna de louvor quanto mais rara se encontra entre os homens. Pois, embora corporalmente afastados um do outro por grande distância de terras e prolonga- do espaço de tempo, estes não puderam arrancar-te o afecto do teu carinho para com o teu amigo. Isso se provou claramente pelas tuas cartas amabilíssimas, nas quais me manifestaste tão delicadamente a tua amizade, e pelos teus benefícios tão generosamente oferecidos, não só a mim, mas também por mim a frei Bernardo, e ainda por alguns outros indícios. Por isso dou graças à tua bondade, não iguais aos teus méritos, mas que brotam da fonte pura do amor.

2. Mandei-te há algum tempo um correio com cartas, bastante fiel noutros envios; mas como até agora não voltou a aparecer, julgo oportuno enviar-te um dos nossos, que exponha de viva voz mais amplamente -como não poderia eu fazê-la - o que me diz respeito.

3. Notifico-te, digno senhor, pois penso que não te desagradará, que estou bem de saúde no corpo - oxalá assim o estivesse na alma! -e, no que se refere aos assuntos temporais, bastante bem à medida dos meus desejos. Mas

aguardo, suplicante, que a mão da misericórdia divina “cure todas as minhas enfermidades interiores e sacie de bens o meu desejo” (Salmo 102,3.5).

4. Vivo nos confins de Calábria, num ermo bastante afastado por todos os lados das habitações dos homens, com os meus irmãos religiosos, alguns bastante eruditos, que, em permanente guarda santa, “esperam o seu Senhor a fim de lhe abrirem a porta, assim que Ele chegar e bater” (Luc. 12,36). Da amenidade do lugar, do temperado e sadio dos seus ares, da vasta e graciosa planície que se estende ao longe entre montanhas, com os seus verdes prados e floridas pastagens, que poderei dizer de digno? Como descrever suficientemente a perspectiva das colinas que de todas as partes se vão elevando suavemente, o retiro dos umbrosos vales, a agradável abundância de rios, regatos e fontes? Tampouco falta hortas e árvores variadas e férteis.

5. Mas, por que deter-me tanto tempo nestas coisas? Outros são certamente os deleites do varão sábio, mais agradáveis e muito mais úteis, porque divinos. Contudo, a nossa débil mente, fatigada por uma austera disciplina e pelos exercícios espirituais, muitas vezes com estas coisas se alivia e respira. Na verdade, o arco sempre tenso perde a força e torna-se menos apto para o seu ofício.

6. O que a solidão e o silêncio do deserto proporcionam de utilidade e gozo divino a quem os ama, só o sabem os que o experimentaram.

7. Aqui, com efeito, podem os varões esforçados recolher-se em si quanto queiram, e morar consigo, cultivar com afã os germes das virtudes, e alimentar-se com alegria dos frutos do paraíso.

Aqui se adquire aquele olhar, cuja visão clara fere de amores o Esposo e cuja pureza e limpidez permite ver a Deus. Aqui se pratica um ócio bem ocupado, se repousa numa sossegada atividade (*otium celebratur negotiosum... in quieta pausat actione*).

Aqui, pelo esforço do combate, dá Deus aos seus atletas a desejada recompensa: “a paz que o mundo ignora e a alegria no Espírito Santo” (Rom. 14,17).

8. Esta é aquela formosa Raquel, de belo aspecto, mais amada por Jacob, ainda que menos prolífera que Lia, a mais fecunda, mas de olhos sem brilho. Porque são, com efeito, menos os filhos da contemplação que os da ação. Não obstante, José e Benjamim são mais queridos pelo pai que os outros irmãos.

Esta é aquela “melhor parte que Maria escolheu e que não lhe será tirada” (Lc. 10,42).

Esta é aquela belíssima Sunamita, única encontrada em todo o Israel, que, virgem, pudesse cuidar e dar calor ao ancião Davi (cfr. 1 Reis 1, 2-3). Oxalá, irmão caríssimo, tu a amasses unicamente a ela, para que ao calor dos seus braços te inflamasses de amor divino! Se o seu amor assentar uma vez no teu coração, terás por vil a acariciadora e sedutora glória do mundo, rechaçarás facilmente as riquezas que tanto inquietam e tão pesadas são à alma e aborrecerás os prazeres tão nocivos ao corpo como à alma.

9. A tua prudência sabe quem disse: “Aquele que ama o mundo e o que está no mundo - voluptuosidade carnal, concupiscência dos olhos e ambição - o amor do Pai não está nele” (1 João dois, 15-16). E também: “Quem quiser ser amigo deste mundo, torna-se inimigo de Deus” (Tiago 4,4) Que coisa mais iníqua, mais própria duma alma insensata e louca, que coisa tão perniciosa e desgraçada, que querer hostilizar Aquele a cujo poder não podes resistir e de cuja justa vingança não pode escapar? Acaso “somos mais fortes que Ele?” (1 Cor. 10,22). Acaso, porque nos convida à penitência a sua paciente misericórdia, não castigará por fim a injúria do desprezo? Que coisa há mais perversa, mais contrária à razão, à justiça e à mesma natureza, do que amar mais a criatura que o Criador, e perseguir mais o perecedouro que o eterno, o terreno que o celestial?

10. Que pensas fazer, caríssimo? O quê, senão seguir o conselho divino, crer na Verdade que não pode enganar? A todos aconselha, ao dizer: “Vinde a Mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e Eu vos aliviarei” (Mat. 11, 26). Não é um trabalho péssimo e inútil ser atormentado pela concupiscência e afligir-se sem cessar com preocupações e ansiedades, temores e dores, por causa de tais desejos? Que carga há mais pesada do que aquela que faz cair a alma da sublime altura da sua dignidade até ao mais baixo? Isto é a injustiça mesma!

11. Foge, pois, meu irmão, de todas estas moléstias e misérias, e passa da tempestade deste mundo ao repouso seguro e tranquilo do porto. A tua prudência também sabe o que nos diz a mesma Sabedoria: “Se alguém não

renuncia a tudo o que tem não pode ser meu discípulo” (Lc. 14,33). Quem não vê quão formoso, útil e agradável seja permanecer na sua escola, sob a direção do Espírito Santo, e aprender a divina filosofia, a única que dá a verdadeira felicidade?

12. Por isso é preciso que a tua prudência pondere com diligente exame que, se o amor de Deus não te move, se a utilidade de tão grandes prêmios não te estimula, ao menos, deve impelir-te a isso o inevitável e terrível das penas. Já sabes com que promessa estás ligado, e a Quem. É todopoderoso e terrível o Senhor a quem te entregaste como oferta grata e inteiramente aceitável. A Ele não te é lícito mentir nem convém que mintas, porque não sofre que se zombe d’Ele impunemente.

13. Lembras-te, sem dúvida, amigo, como certo dia, estando juntos eu, tu e Fulcuio, o Monóculo, no pequeno jardim contíguo à casa de Adão, onde então me hospedava, tratamos durante algum tempo, parece-me, dos falsos atrativos e das precedouras riquezas do mundo, e dos gozos da glória eterna. Então, ardendo de amor divino, prometemos, fizemos voto e decidimos abandonar em breve o mundo fugaz (fugitiva saeculi relinquere) , para ir em busca do eterno (et aeterna captare). Te-lo-íamos feito em seguida, se Fulcuio não tivesse partido para Roma; por isso adiámo-lo para o seu regresso. Mas, atrasando-se ele e intervindo outras causas, o ânimo se resfriou e desvaneceu-se o fervor.

14. Que te resta fazer, pois, caríssimo, senão libertares-te quanto antes dos laços de tão grande dívida? Não seja que, por tão grave e tão prolongado pecado de mentira, incorras na ira do Todo-poderoso e, com isso, em terríveis tormentos. Que poderoso soberano deixaria impune o ser defraudado por qualquer súdito seu num serviço seu prometido, sobretudo se para ele é de muita estima e preço?

15. Assim, pois, crê-me, não a mim, mas ao profeta, ou antes, ao Espírito Santo, que diz: “Fazei votos ao Senhor vosso Deus, e cumpri-os, todos os que à sua volta trazeis oferendas: ao terrível que deixa sem alento os príncipes, e é terrível para os reis da terra” (Salmo 75, 12-13). Ouves o Senhor, ouves o teu Deus, ouves o Terrível que deixa sem alento os príncipes, ouves o Terrível para os reis da terra. Por que inculca o Espírito Santo tudo isto senão para te urgir vivamente a cumprir o prometido no teu voto?

16. Por que tens por pesado o que não produz nenhuma perda nem diminuição dos teus bens, e aumenta os teus lucros mais que os daquele a quem tu pagas?

Não te detenham, pois, as falazes riquezas que não podem remediar a necessidade, nem a tua dignidade de preposto que não pode ser exercida sem perigo da alma. És administrador, não dono do alheio. Converter em uso próprio o alheio, permite-me que to diga, seria tão odioso como injusto. E se apeteces o brilho e a glória e ter muita criadagem, não te sucederá que, por não te bastarem os teus bens legítimos, necessites de qualquer modo arrebatá-los a uns o que repartirás pelos outros? Isso não é ser benfeitor nem liberal. Não há liberalidade onde não há justiça.

Quero, além disso, amigo, que te persuadas disto: a tua estreita amizade com o senhor arcebispo, que confia e se apoia muito nos teus conselhos - e não é fácil dá-los sempre justos e úteis - não te deve afastar do amor de Deus, que é tanto mais útil quanto mais justo.

17. Ora, que há tão justo e tão útil, tão inato e conforme com a natureza humana, como amar o bem? E que outro ser tão bom como Deus? Melhor ainda, que outro bem há senão só Deus? Daqui que a alma santa, percebendo em parte o incomparável atrativo, esplendor e beleza deste bem, inflamada em chama de amor, diga: “A minha alma tem sede do Deus forte e vivo, quando irei ver a face de Deus?” (Salmo 41,3).

18. Oxalá, irmão, não desprezes o amigo que te admoesta! Oxalá não dêes ouvidos surdos às palavras do Espírito Santo! Oxalá, caríssimo, satisfaças o meu desejo e a minha longa espera, para que não sofra a minha alma por mais tempo preocupações, ansiedades e temor! Pois, se acontecesse, o que Deus não permita, que antes de pagar a dívida do teu voto, partisses desta vida, deixar-me-ias sumido numa continua tristeza e sem nenhuma consolação de esperança.

19. Por isso quero que tenhas como concedido e obtido de ti que, ao menos por devoção, te dignes vir a São Nicolau, e dali até nós, para que vejas quem singularmente te ama, e possamos tratar, entre os dois, de viva voz, do estado das nossas coisas e da nossa observância religiosa, e também de outros assuntos de interesse comum. E confio no

Senhor que não te pesará teres-te submetido ao trabalho de tão longo caminho.

20. Ultrapassei os limites da brevidade epistolar porque, enquanto não posso ter-te presente corporalmente, ao menos permaneço conversando contigo mais tempo.

Desejo vivamente, irmão, que recordes o meu conselho e tenhas por muitos anos boa saúde.

Peço-te que me envies a vida de São Remígio, porque por estas terras é impossível encontrá-la. Adeus.



Aos Monges de Chartreuse

Aos seus irmãos, singularmente amados em Cristo, frei Bruno saúda no Senhor.

1. Tendo tomado conhecimento do inflexível rigor da vossa razoável e verdadeiramente louvável disciplina pelo relato pormenorizado e consolador do nosso felicíssimo irmão Landuíno, e tendo também ouvido falar do vosso santo amor e incessante zelo por tudo quanto seja integridade e virtude, o meu espírito exulta no Senhor.

Na verdade, exulto e sinto-me impellido a louvar e a dar graças ao Senhor; não obstante, suspiro amargamente. Exulto, sim, como é justo, pelo aumento dos frutos das vossas virtudes; mas sinto dor e envergonho-me por fazer inerte e negligente na sordidez dos meus pecados.

2. Alegrai-vos, pois, meus caríssimos irmãos, pela sorte da vossa felicidade e pela largueza da graça de Deus sobre vós.

Alegrai-vos, porque escapastes dos muitos perigos e naufrágios do tempestuoso mundo.

Alegrai-vos, porque alcançastes o refúgio tranquilo e seguro de um porto escondido, a que muitos desejam chegar; e muitos, com algum esforço, o tentam, mas não chegam. E mesmo muitos, depois de o terem conseguido, são excluídos dele, porque a nenhum deles se lhes havia concedido do alto.

Assim, meus irmãos, tende por certo e provado que quem quer que tenha desfrutado deste anelado bem, se de qualquer modo o perder, lastimar-se-á por toda a vida, se tiver algum respeito e cuidado pela salvação da sua alma.

3. De vós, meus caríssimos irmãos leigos, digo: “A minha alma glorifica ao Senhor” (Lc 1,46), porque observo a grandeza da sua misericórdia sobre vós, segundo a exposição do vosso prior e pai amantíssimo, que muito se gloria e alegra a vosso respeito. Também eu me alegro, porque, estando desprovidos da ciência das letras, Deus todo-poderoso grava com o seu dedo nos vossos corações, não só o amor, mas também o conhecimento da sua santa Lei. Com as vossas obras, efetivamente, mostrais o que amais e o que conheceis. Porque, como praticais com todo o cuidado e zelo a verdadeira obediência, que é o cumprimento dos mandamentos de Deus, bem como a chave e o selo de toda a disciplina espiritual, é claro que recolheis sabiamente o fruto suavíssimo e vital da Escritura divina. Esta obediência nunca existe sem muita humildade e insigne paciência e vai sempre acompanhada do casto amor do Senhor e da verdadeira caridade.

4. Permanecei, pois, meus irmãos, no estado a que chegastes, e evitai como uma peste esse bando malsão de alguns leigos cheios de falsidade que fazem circular os seus escritos, rumorejando o que não entendem nem amam, e contradizem com palavras e obras. Ociosos e giróvagos, detratores de quantos são bons e religiosos, pensam merecer louvor difamando os que de fato têm direito a ele e aborrecem a obediência e toda a disciplina.

5. Quis reter comigo frei Landuíno por causa das suas graves e frequentes enfermidades; mas, como pensa que sem vós nada lhe resulta são, nada alegre, nada reconfortante

e útil, não consentiu. Assegurou-me, feito uma fonte de lágrimas por vós e com muitos suspiros, quanto vos aprecia e com que perfeita caridade vos ama a todos. Não quis coagi-lo em nada para não o ferir a ele ou a vós, que me sois muito queridos pelo mérito das vossas virtudes.

Por isso, irmãos, sollicitamente vos advirto e vos peço com humildade e instância que a caridade que tendes no coração a mostreis em obras para com ele, como vosso prior e pai amantíssimo, subministrando-lhe com delicadeza e atenção o que necessita por causa das suas numerosas enfermidades. Senão consentir neste dever de humanidade, preferindo pôr em perigo a saúde e a vida a omitir algo do rigor da disciplina corporal, isso deve reprovar-se absolutamente. Talvez se envergonhe, ele que é o primeiro na religião, de ser o último nisto, temendo que, por sua causa, algum de vós se faça um tanto remisso e tívio, o que penso não há que rechar de modo nenhum.

E, para que não sejais privados desta graça, vos autorizo, caríssimos, a fazer as minhas vezes somente nisto, para que possais obrigá-lo respeitosamente a tomar o que tendes preparado para a sua saúde.

6. Quanto a mim, irmãos, sabeis que o meu único desejo, depois de Deus, é ir até vós e ver-vos. E, quando puder, pô-lo-ei em prática, com a ajuda de Deus. Adeus.





PROFISSÃO DE FÉ DE N. P. S. BRUNO

COMENTÁRIO

Mestre Bruno, ao fim de seus dias, desejou deixar aos seus o testemunho de haver “combatido o bom combate, terminado a corrida e conservado a fé (Cf. 2Tm 4, 7).

No presente texto, os seus companheiros do eremitério de Santa Maria da Torre (Calábria-Itália) nos deixaram a solene profissão de fé que ele fez antes da partida, sucedida a 6 de outubro de 1101.

Nesta bela proclamação de Fé de São Bruno, temos de ver duas coisas. Primeiramente a sã doutrina que Mestre Bruno teve que ensinar durante os seus largos anos nas Escolas Catedralícias de Remos, assim como a sua vivência do ensinado, que no momento da sua saída deste mundo latia no seu coração com a Luz na qual havia vivido e pela qual fielmente havia lutado.

Na profissão trinitária do quarto parágrafo, Bruno repete o começo da profissão de Fé do XI^o Concílio de Toledo, só que falando em primeira pessoa.



INTRODUÇÃO

Feita pelos monges do eremitério de Santa Maria da Torre.

Fizemos o possível para recolher a profissão de fé de Mestre Bruno, pronunciada diante de todos os irmãos reunidos, quando ele sentiu que se aproximava a hora de entrar no caminho pelo qual passa todo o ser vivo, pois ele nos tinha pedido, de maneira muito expressa, de ser testemunhas da sua fé ante Deus.

TEXTO

1. Creio firmemente no Pai, no Filho e no Espírito Santo; no Pai não gerado, no Filho unigênito, no Espírito Santo procedente de ambos, e que estas três pessoas são um só Deus.

2. Creio que este mesmo Filho de Deus foi concebido pelo Espírito Santo, de Maria, a Virgem.

Creio que a Virgem era castíssima antes do parto, virgem no parto e depois do parto permaneceu inteiramente virgem.

Creio que o mesmo Filho de Deus foi concebido entre os homens como verdadeiro homem sem pecado. Creio que o mesmo Filho de Deus foi preso por inveja dos judeus, injuriosamente tratado, injustamente atado, cuspidor, flagelado, morto, sepultado. Desceu à mansão dos mortos para libertar os seus que lá estavam cativos.

Desceu para nossa redenção, ressuscitou e ascendeu aos céus, e voltará de lá para julgar os vivos e os mortos.

3. Creio nos sacramentos nos quais a Igreja crê e venera, e expressamente que o consagrado no altar é verdadeiro Corpo, verdadeira Carne e verdadeiro Sangue do Senhor nosso Jesus Cristo, que também nós recebemos para remissão dos nossos pecados, e creio na esperança da eterna salvação.

Creio na ressurreição da carne e na vida eterna. Amém.

4. Confesso e creio na santa e inefável Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo, um só Deus natural, de uma só substância, de uma só majestade e poder.

E professamos que o Pai não foi gerado nem criado, senão que Ele é ingênito. O mesmo Pai de ninguém tira a sua origem. D'Ele recebeu o Filho nascimento, e o Espírito Santo procedência. É, pois, fonte e origem de toda a Divindade.

E o mesmo Pai, inefável por essência, gerou inefavelmente da sua substância o Filho, mas não gerou outro ser que o que Ele é: Deus gerou Deus, a Luz gerou a Luz. D'Ele, portanto, é toda a paternidade no céu e na terra. Amém.



ÍNDICE

CARTAS DE SÃO BRUNO	3
COMENTÁRIOS	3
TEXTOS.....	9
A Raul, le Verd	9
Aos Monges de Chartreuse	17
PROFISSÃO DE FÉ DE N. P. S. BRUNO	21
COMENTÁRIO	21
INTRODUÇÃO	22
TEXTO	22
ÍNDICE.....	25

